

A UnB de Darcy Ribeiro e Oscar Niemeyer

UnB of Darcy Ribeiro and Oscar Niemeyer

La UnB de Darcy Ribeiro y Oscar Niemeyer

*Maribel Aliaga Fuentes. Doutora em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Instituto Central de Ciências - ICC Norte - Gleba A - Campus Universitário Darcy Ribeiro - Asa Norte, Brasília, Brasil.
E-mail: arqmarialiaga@gmail.com*

Resumo

Este texto é parte integrante da minha tese de doutorado, intitulada *Os primeiros mestrandos da FAU-UnB: de um passado que não se construiu*¹. Aqui procuram-se os meandros e as conexões entre as personagens e o período inicial da Universidade de Brasília. Além disso, o envolvimento ativo de grandes nomes da arquitetura da época, tanto no apoio político e intelectual à criação, como no envolvimento acadêmico. Apesar de em sua formação inicial, o curso ser essencialmente composto de arquitetos provenientes da escola carioca, o contexto local e as questões sociais do momento promoveram um debate intenso. Se por um lado há uma imensa vontade de inovar, por outro, os questionamentos e as críticas fervilham tanto na construção, quanto no ensino de arquitetura. Contexto propício às experimentações, o curso de Arquitetura e Urbanismo já nasce com graduação e pós-graduação. Seus alunos participam ativamente ora do ensino ora dos projetos e das construções do campus, rebatendo a prática no discurso e dele reescrevendo a sua prática.

Palavras-chave: Brasília-UnB; ensino de arquitetura; arquitetura moderna.

1 ALIAGA FUENTES, M. Os primeiros mestrandos da FAU-UnB: de um passado que não se construiu. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2017. Disponível em < <http://repositorio.unb.br/handle/10482/24497>>. Acesso em: 18 jun 2018.

Abstract

The text is an integral part of the doctoral thesis, entitled *The first masters of FAU-UnB: a past that was not built. Here we look for the meanders and the connections between the characters and the initial period of the University of Brasília*. Also, the active involvement of big names of the architecture at the time, both in the political and intellectual support to the creation, as well as in the academic involvement. Although in its initial formation, the course is essentially composed of architects from the Rio school, the local context and the social issues of the moment, promote an intense debate. On the one hand there is an immense desire to innovate, on the other, the questions and criticisms boil both in the construction and in the teaching of architecture. Context conducive to experimentation, the course of architecture and urbanism, is born with graduation and post-graduation. His students actively participate in teaching, now in campus projects and constructions. Busting practice in the discourse and rewriting its practice.

Keywords: Brasília-UnB; the teaching of architecture; modern architecture.

Resumen

El texto es parte integrante de la Tesis de doctorado, titulada *Los primeros maestrados de la FAU-UnB: de un pasado que no se construyó*. Aquí se buscan los meandros y las conexiones entre los personajes y el período inicial de la Universidad de Brasília. También, la participación de grandes nombres de la arquitectura de la época, tanto en el apoyo político e intelectual a la creación, así como en la participación académica. A pesar de su formación inicial, el curso está esencialmente compuesto de arquitectos provenientes de la escuela carioca, el contexto local y las cuestiones sociales del momento, promueven un debate intenso. Si por un lado hay una inmensa voluntad de innovar, por otro, los cuestionamientos y las críticas hervir tanto en la construcción, como en la enseñanza de la arquitectura. Contexto propicio a las experimentaciones, el curso de arquitectura y urbanismo ya nace con graduación y post. Sus alumnos participan activamente en la enseñanza, ora de los proyectos y de las construcciones del campus. Rebatando la práctica en el discurso y de él reescribiendo su práctica.

Palabras Clave: Brasília-UnB; enseñanza de arquitectura; arquitectura moderna.

INTRODUÇÃO



Figura 1: Homens em pé, entre eles Darcy Ribeiro, sobre a rampa da Faculdade de Educação, antiga reitoria, na inauguração da Universidade de Brasília, com bandeiras ao fundo.

Fonte: Imagem de repositório da universidade. Disponível em: <<https://atom.unb.br/index.php/00100-23>>.

Entre o fim dos anos 1950 e começo de 1960 tudo estava acontecendo ao mesmo tempo na nova capital do Brasil, e é nesse contexto de construção de uma nova sociedade que a Universidade de Brasília (UnB) movimenta o cenário intelectual brasileiro². Para concretizar o projeto de universidade, dois nomes são fundamentais: Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro. Os arquitetos têm uma

² Sobre o processo de criação da Universidade de Brasília algumas leituras são imprescindíveis; Darcy Ribeiro o livro, UnB invenção e descaminho, de Roberto Salmeron o livro A universidade interrompida: Brasília 1964-1965. Para uma leitura breve, porém abrangente, ver

participação importante também, a começar por Lúcio Costa e sua proposta para a cidade, que incluía em seu desenho a área destinada ao campus. Alcides da Rocha Miranda, como bem lembra Salmeron (2007, p. 71), participou das discussões sobre a criação da UnB como conselheiro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e foi fundamental na criação do Instituto Central de Artes, o ICA e o curso-tronco³ de Arquitetura e Urbanismo, que estava inicialmente ligado ao Instituto. Oscar Niemeyer, apesar de não ter um envolvimento direto com o ensino, teve uma participação definitiva ao materializar a estrutura universitária em um edifício único, o Instituto Central de Ciências (ICC), que seria o ponto de partida para a definição da cidade universitária. E, principalmente, ao inserir o curso de Arquitetura e Urbanismo num contexto universitário inovador que aliava ensino e pesquisa, fazendo da arquitetura e das inovações tecnológicas propostas um verdadeiro debate acadêmico.

Este artigo tem como base a tese de doutorado, *Os primeiros mestrandos da FAU-UnB: de um passado que não se construiu*, que resgata as dissertações de mestrado do curso de arquitetura e urbanismo da UnB concluídas entre 1965/1966, mostrando que a UnB daquele momento era diversa e inovadora. O título do artigo, *A UnB de Darcy Ribeiro e Oscar Niemeyer*, pode parecer provocativo a um primeiro olhar, pois é evidente que a construção coletiva de universidade se compôs de diversos nomes. Sendo que este mesmo sentido de coletividade entendeu que as condições de trabalho pós 1964 estavam muito longe do ideal e, entre as decisões possíveis, decidiu em outubro de 1965 pela demissão coletiva⁴ de quase a totalidade do seu corpo docente, incluindo os mestrandos que eram a base do ensino de graduação. Desde esse episódio, a universidade passou por diversas reestruturações.

A experiência inicial da Universidade de Brasília representou uma confluência de ocasiões e oportunidades. A participação política dos arquitetos na construção da cidade e da universidade é efetiva desde a sua criação e isso, em grande parte, foi possível pela ligação entre Darcy Ribeiro e Oscar Niemeyer, apesar de tantos outros nomes, eles representam como ninguém o espírito da época.

o artigo de Adélia Miglievich-Ribeiro, Darcy Ribeiro e UnB: intelectuais, projeto e missão. Um registro de muitos anos, é o trabalho de Jaime Almeida que reconta a história do curso e trás depoimentos em seu livro UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA: a ideia, diáspora e individualização.

3 Pela Resolução n. 2, de 6 de janeiro de 1962, o Conselho Diretor autoriza as providências necessárias à inauguração dos 'Cursos Transitórios' nesse mesmo ano. Esses cursos, a serem absorvidos pelos institutos e faculdades, a medida que esses forem entrando em funcionamento, são organizados em três "Troncos Básicos de Estudos": I - Direito - Administração - Economia, II - Letras Brasileiras, III - Arquitetura e Urbanismo.

O aluno faria a opção definitiva por uma das carreiras após dois anos de estudos em um programa comum a um desses cursos-tronco. A escolha desses primeiros cursos foi condicionada à possibilidade de recrutamento rápido de pessoal docente devidamente qualificado e de atendimento às exigências de equipamento para o desenvolvimento das atividades de ensino e pesquisa. Para coordená-los são nomeados, respectivamente, Victor Nunes Leal, Cyro Versiani dos Anjos e Alcides da Rocha Miranda (TODOROV, 1993, p. 9).

4 "A proclamação: os professores, assistentes e instrutores da Universidade de Brasília que acabam de se demitir das funções, dirigem-se aos estudantes e as suas famílias a fim de dar as explicações seguintes: Viemos trabalhar na Universidade de Brasília com a esperança de poder contribuir para a construção de uma Universidade moderna, cuja estrutura constitui uma experiência nova em nosso país. [...] Queremos, por fim, dizer aos estudantes da UnB e suas famílias que estamos certos de que a nossa atitude e o melhor exemplo que poderíamos dar aos nossos alunos na defesa da autonomia da Universidade e da dignidade do trabalho intelectual" (SOUZA, 2005, p. 168-169).

TRÊS PPRESIDENTES, UMA UNIVERSIDADE

Anísio Teixeira liderou o processo de criação da UnB, juntamente com Darcy Ribeiro. Foi presidente da Sociedade Brasileira Progresso Ciências (SBPC) entre 1955-1959, e graças a sua participação no meio acadêmico é que se pode dar ao processo de criação da Universidade o sentido de um projeto da intelectualidade brasileira. A UnB, na verdade, seria a segunda tentativa de renovação universitária brasileira empreendida por Anísio, pois a primeira fora a da Universidade do Distrito Federal (Rio de Janeiro) em 1935. A proposta dos anos 1930 foi sepultada logo no nascedouro pela reação católica, que, ao conseguir afastá-lo da direção da educação carioca, se encarregou de dar outro rumo à jovem Universidade (ROCHA, 2000).

É dessa época que se estabeleceu a ligação entre Alcides da Rocha Miranda e Anísio Teixeira, pois ao concluir a Escola Nacional de Belas Artes, o arquiteto, decidiu matricular-se no Instituto de Artes da Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro. Desse contato resultou um convite para desenvolver, nos anos 1950, o projeto do Instituto de Aperfeiçoamento do Professor, um conjunto de edifícios que pertence aos prédios mais antigos construídos na Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira da Universidade de São Paulo (USP) e corresponde à atual Biblioteca e ao Bloco B da Faculdade de Educação. Na mesma época, Rocha Miranda foi a São Paulo trabalhar no Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN). E é por Patrimônio, que Rocha Miranda chega a Brasília, em 1960, com a missão de fundar o núcleo do órgão (PUHL, 2016). Assim como em São Paulo, em Brasília ele assume o projeto e a construção da primeira edificação da UnB, o Auditório Dois Candangos.



Figura 2: Inauguração da Universidade de Brasília (UnB). Vista do auditório repleto de pessoas sentadas, outras em pé nas laterais e atrás.

Fonte: <<https://atom.unb.br/index.php/00100-02>>. Acesso em: 18 jun. 2018.

O processo de criação da Universidade acompanhou os momentos políticos turbulentos daquela época e entre o decreto presidencial de Juscelino Kubitschek e o discurso de Instituição de do presidente João Goulart, se passaram três mandatos presidenciais até a inauguração da Universidade.

Foi publicado no Diário Oficial decreto do Presidente da República designando o Professor Darcy Ribeiro, o arquiteto Oscar Niemeyer e o subchefe da Casa Civil, Sr. Cyro dos Anjos, para levarem a efeito os estudos complementares destinados a aprovação do projeto que institui a Universidade de Brasília. Formaram a comissão - Darcy Ribeiro por sua participação junto a Anísio Teixeira na elaboração do projeto, Cyro dos Anjos, por ser a ligação com o Executivo e Oscar Niemeyer -por sua participação junto a NOVACAP. Universidade de Brasília, Hemeroteca Digital Brasileira - (Jornal Última Hora - Ano X, 27 de julho de 1960, Nº 3.093 edição).

Em 1960, o presidente Juscelino Kubitschek inaugurou a Capital e um dos seus primeiros atos foi enviar uma mensagem ao Congresso Ministerial propondo a criação da Universidade de Brasília; para levar a cabo sua proposta, criou a comissão anteriormente citado.

Darcy Ribeiro, mesmo antes da inauguração da Capital e da transferência do Congresso, viajava constantemente ao Rio de Janeiro no intuito de convencer os deputados a votarem o projeto de Lei. Na mesma época, ele contava com o apoio de Cyro dos Anjos e Alcides da Rocha Miranda, que já moravam em Brasília. Anísio Teixeira, por sua vez, estava trabalhando no desenvolvimento do Plano Educacional para Brasília, que seria uma das peças fundamentais do projeto pedagógico da UnB.

Em janeiro de 1961, Juscelino Kubitschek deixou a presidência sem ter conseguido que a Lei fosse aprovada pelo Congresso, Jânio Quadros assumiu a Presidência e manteve a comissão. Em agosto do mesmo ano, com a renúncia de Jânio Quadros, os deputados fizeram um esforço concentrado para aprovar projetos de lei que estavam engavetados e incluíram o projeto de aprovação da Universidade de Brasília.

Assim, o projeto de lei que autorizou a criação da UnB foi aprovado na Câmara dos Deputados no atropelo de uma confusão política e parlamentar, sem ter passado pelas discussões que deveriam proceder a aprovação de uma iniciativa de tão grande responsabilidade (SALMERON, 2007, p. 65).

Em fins de 1961, o presidente João Goulart⁵ sancionou a lei que instituiu a Universidade de Brasília. No seu discurso, defendeu que a missão da UnB seria a de promover a integração nacional e dar oportunidade de educação “a mocidade de todos os estados”, também de se constituir como o centro cultural

⁵ Embora associada ao governo JK [Juscelino Kubitschek] pelo vínculo indiscutível entre a nova cidade capital e a criação da universidade, a Universidade de Brasília, instalada em 21 de abril de 1962, teve no governo João Goulart (1961-1964) sua base de implantação e seu funcionamento. Contribuiu decisivamente para isso o fato de Darcy Ribeiro ter estado em posição estratégica no governo Jango em dois momentos: como ministro da Educação (1962/63) e como chefe de Gabinete Civil da Presidência (1963/64). A Universidade esteve sempre associada à liderança de Darcy e à parceria de vida inteira entre ele e o educador Anísio Teixeira. (BOMENY, 2006, p. 170).

de Brasília “com o mesmo espírito inovador e o mesmo padrão de excelência que presidiram ao seu planejamento” (Plano Orientador da Universidade de Brasília, 1962, p. 3).

Assim, em 15 de dezembro de 1961, a Lei nº 3.998 define a UnB como instituição autônoma e não governamental, na qual a administração cabe a um Conselho Diretor composto por seis membros e dois suplentes, nomeados pelo presidente da República e os coordenadores dos Institutos e dos cursos iniciais:

<p><i>Membros Efetivos</i></p> <p>DARCY RIBEIRO <i>Reitor da Universidade. Presidente da Fundação.</i></p> <p>ANÍSIO TEIXEIRA <i>Membro do Conselho Federal de Educação. Diretor do Instituto Brasileiro de Estudos Pedagógicos. Ex-Secretário da Educação do Distrito Federal e do Estado da Bahia.</i></p> <p>HERMES LIMA <i>Membro do Conselho Federal de Educação. Chefe da Casa Civil da Presidência da República.</i></p> <p>ABGAR RENAULT <i>Membro do Conselho Federal de Educação. Ex-Ministro da Educação e Cultura. Ex-Secretário da Educação do Estado de Minas Gerais.</i></p> <p>OSWALDO TRIGUEIRO <i>Ministro do Superior Tribunal Eleitoral. Ex-Governador do Estado da Paraíba. Ex-Embaixador do Brasil.</i></p> <p>FREI MATEUS ROCHA, o.p. <i>Provincial da Ordem Dominicana no Brasil.</i></p>	<p><i>Coordenadores</i></p> <p>LEOPOLDO NACHBIN <i>Instituto Central de Matemática</i></p> <p>JOSÉ LEITE LOPES <i>Instituto Central de Física</i></p> <p>JACQUES DANON <i>Instituto Central de Química</i></p> <p>MAURÍCIO ROCHA E SILVA <i>Instituto Central de Biologia</i></p> <p>EDUARDO GALVÃO <i>Instituto Central de Ciências Humanas</i></p> <p>CYRO DOS ANJOS <i>Instituto Central de Letras</i></p> <p>ALCIDES DA ROCHA MIRANDA <i>Instituto Central de Artes</i></p> <p>ARTUR NEVES <i>Editôra Universidade de Brasília</i></p>
<p><i>Suplentes</i></p> <p>ALCIDES DA ROCHA MIRANDA <i>Presidente da Fundação Cultural de Brasília. Professor de Arquitetura.</i></p> <p>JOÃO MOOJEN DE OLIVEIRA <i>Secretário de Agricultura do Distrito Federal. Naturalista do Museu Nacional. Doutor em Ciências Naturais.</i></p>	<p><i>Coordenadores dos Cursos de 1962:</i></p> <p>VICTOR NUNES LEAL <i>Direito, Administração, Economia</i></p> <p>LUCIO COSTA E OSCAR NIEMEYER <i>Arquitetura e Urbanismo</i></p> <p>CYRO DOS ANJOS <i>Letras Brasileiras</i></p>

Figura 3: Membros do Conselho.

Fonte: Plano Orientador da Universidade de Brasília (1962, p. 4).

Como é possível observar na imagem, Alcides da Rocha Miranda consta no Decreto presidencial como membro Suplente do Conselho, Diretor da Universidade e como coordenador do Instituto Central de Artes. O Decreto de 1961 já define que o curso de Arquitetura e Urbanismo ficaria a cargo de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer e mesmo que eles não estivessem ligados diretamente ao ensino, eram uma referência, e o peso dos seus nomes davam prestígio ao curso recém-formado.



Figura 4: Membros do Conselho Diretor (da esquerda, para a direita: Joao Moojem De Oliveira, Frei Mateus Rocha, Hermes Lima, Abgar Renault, Osvaldo Trigueiro, Alcides Da Rocha Miranda, Anísio Teixeira, Darcy Ribeiro (Reitor).

Fonte: Centro de Documentação e Informação (1993).

PLANO ORIENTADOR

Oficializar a existência da UnB não foi tarefa simples, a batalha pela definição da sua localização promoveu outras alianças. A ideia inicial dos idealizadores, era que a cidade universitária estivesse próxima ao cruzamento dos eixos, porém havia oposições, sendo que um dos mais importantes opositores era o engenheiro Israel Pinheiro, primeiro presidente da Companhia Urbanizadora - (Novacap). Ele acreditava que os estudantes não deveriam estar assim tão perto do poder e defendia a instalação do *campus* nos arredores da cidade (BOMENY, 2006).

Diante de uma oposição tão significativa, Darcy Ribeiro precisava contar com uma contribuição da mesma importância; por isso chamou os arquitetos, principalmente Lúcio Costa, como criador da proposta vencedora para a capital. O arquiteto, fazia referência clara a uma área destinada à cidade Universitária, em texto e principalmente em croquis, no relatório que viria a se tornar o projeto para o Plano Piloto. Lúcio Costa definiu a Cidade Universitária como uma área contígua ao setor cultural, "tratado a maneira de parque para melhor ambientação dos museus, da biblioteca, do planetário, das academias, dos institutos etc." (COSTA,1957).

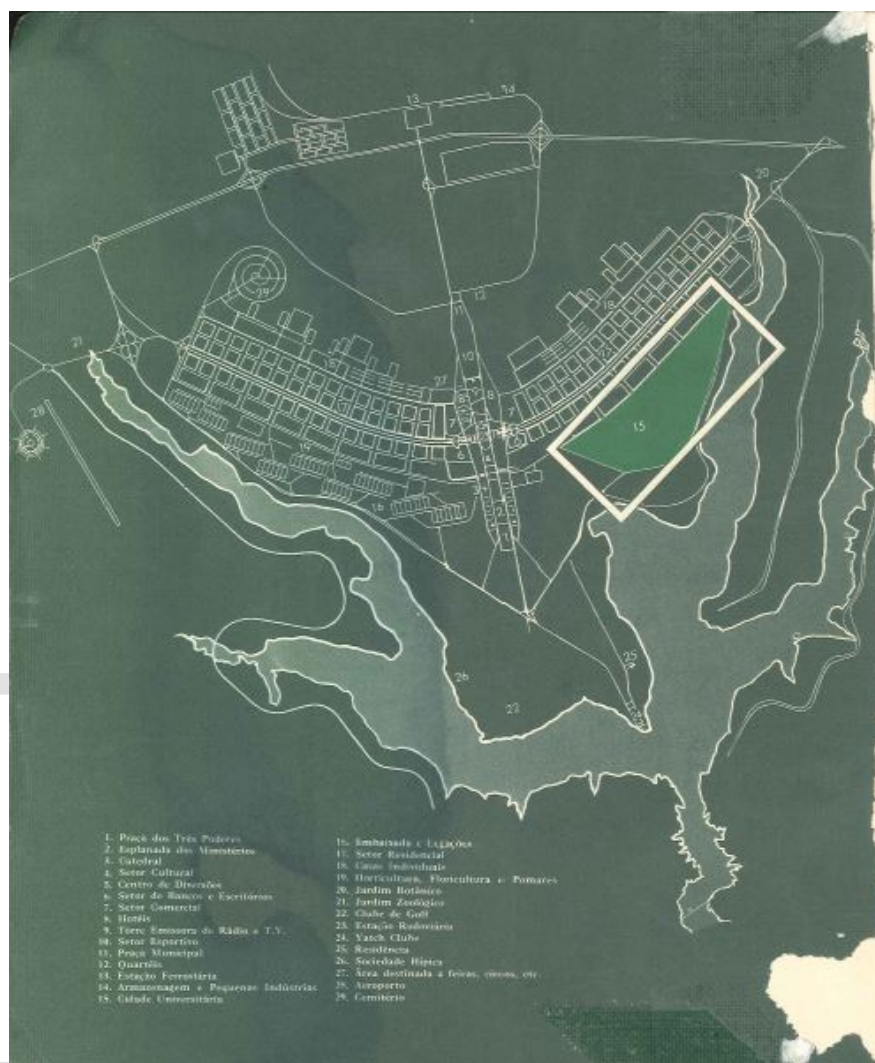


Figura 5: Contracapa do Plano Orientador da Universidade de Brasília (1962).

Mesmo que o texto apontasse a área como um parque, o desenho do *campus* era um reflexo do urbanismo da cidade, delineado por estradas curvas e rápidas que definiam os acessos e as escalas internas, correspondendo claramente a inserção da cidade dentro da cidade. Porém, a universidade não se restringia ao seu perímetro delimitado em projeto, ela propunha também uma integração com a Asa Norte, com a implantação de escolas experimentais nas vias circundantes, servindo de transição com o Plano Piloto na sua escala residencial.

PATRIMÔNIO MATERIAL DA UNB

Outro item importante que constava no Plano Orientador (1962) era a previsão da construção de aproximadamente 600.000 m² em edifícios do *campus*, ao longo desses dez anos. Uma meta ousada, mas Darcy Ribeiro, assim como Juscelino Kubitschek, sabia onde queria chegar, e para construir a universidade

previu que um programa de obras com essas ambições só poderia ser executado em etapas bem definidas. A arquitetura então teria que se adaptar a esse ritmo acelerado para atender às demandas da universidade, impulsionando as pesquisas de industrialização da construção.

O projeto era ambicioso e previa que, iniciando as obras em 1961, a universidade poderia receber em três anos os primeiros 1.500 alunos e, a partir de então, receber 2 mil novos alunos a cada ano, até completar 10 mil alunos em 1970. Ou seja, a construção da UnB estaria em perfeita sintonia com a construção do país: "50 anos em 5".

O documento discorria não apenas sobre as metas de crescimento acadêmico, mas também sobre como configurar espaços e programas arquitetônicos. Contava com ajuda governamental na construção de um hospital de especialidades para atender a população regional, projeto que já estava previsto igualmente nos planos da Novacap. Todas as despesas com urbanização e serviços públicos ficariam a cargo desta última.

Antes mesmo de pôr em prática o Plano de Obras, o arquiteto Alcides da Rocha Miranda defendia que a instalação dos cursos, principalmente o de arquitetura, deveria acontecer no *campus* em obras, aproveitando o potencial pedagógico das construções.



Figura 6: Primeiras Aulas.

Fonte: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO (1993).

O Início

O “Plano Orientador”, seguia tratando da questão da Estrutura da universidade e destacava a sua criação tripartite, constituída por Institutos Centrais, Faculdades e Órgãos Complementares que interagiriam entre si. Aos Institutos caberia a formação inicial, o chamado curso básico, depois conhecido pelo nome de curso-tronco; às Faculdades, que receberiam os alunos que passaram pelos cursos introdutórios, caberia a formação especializada. E os Órgãos Complementares serviriam de apoio, tanto à comunidade acadêmica quanto à população local.

Inicialmente seriam oito Institutos Centrais que poderiam se desdobrar mais tarde em Departamentos: “estes constituirão unidades básicas da Universidade onde reunirão os professores coletivamente responsáveis pelas atividades de ensino e de pesquisa em cada especialidade (PLANO ORIENTADOR DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, p. 23)”. O *campus* seria o espaço da comunidade universitária; nos Institutos ocorreria o livre trânsito entre as diversas carreiras e os alojamentos; espaços esportivos e culturais complementariam essa integração.

O documento defendia como vantagens desse sistema a possibilidade de tornar a estrutura mais enxuta, diminuindo a multiplicação desnecessária de instalações, pois os cursos-tronco trariam o benefício de se optar pela carreira a seguir já dentro da Universidade. Por último, propõe uma integração entre a universidade e os setores produtivos.

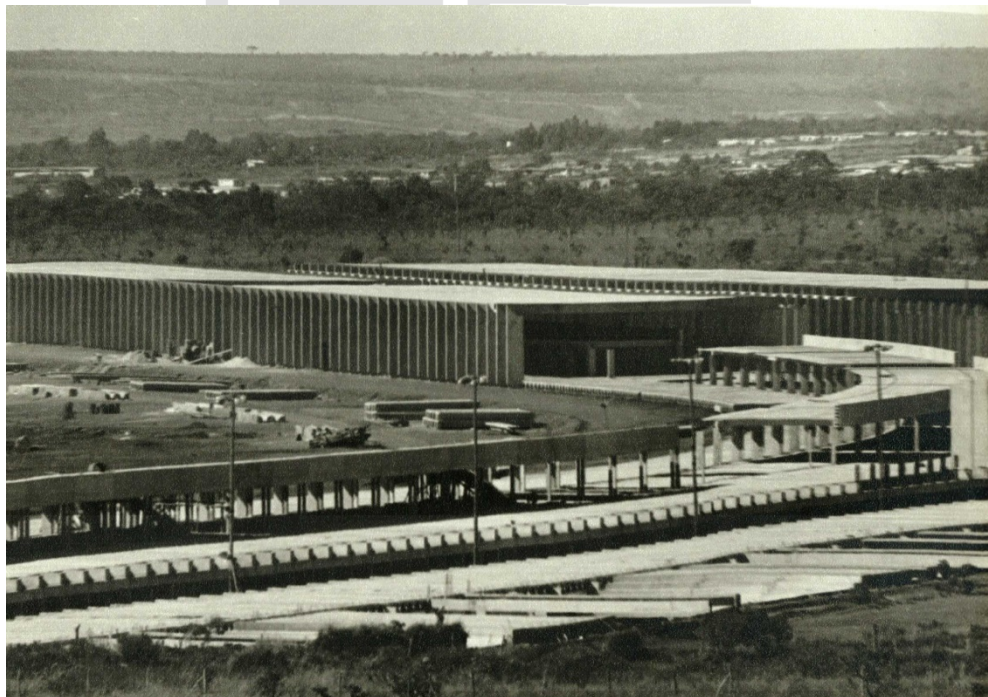


Figura 7: ICC em construção.
Fonte: Janveja (1966).

As provas do primeiro vestibular foram realizadas nos dias 26 e 27 de fevereiro de 1962. Dos 830 candidatos, foram selecionados 413. As aulas começaram no dia 9

de abril e eram ministradas no 9º andar do Ministério da Saúde, onde funcionavam a administração e as salas de aula. No Ministério da Educação e Cultura, funcionava a Reitoria da Universidade. No caso do curso de Arquitetura, as aulas aconteceram nos canteiros de obra das primeiras construções do *campus*.

Geraldo Batista⁶, em entrevista concedida para a tese, comenta que no caso do curso de Arquitetura e Urbanismo, as primeiras turmas eram compostas de um número significativo de adultos, entre os alunos existiam desenhistas, funcionários do Banco do Brasil, da Câmara dos Deputados, alguns já eram casados, e vinham de vários estados do Brasil.



Figura 8: Primeira Turma - convite ao paraninfo.
Fonte: Kunze (2015).

A BAUHAUS DO CERRADO

Imaginei no início criar um embrião de universidade baseado em experiências antigas. Pensei num Instituto Central de Arte – não usando a palavra “arte” como é aplicada comumente, sobretudo depois da criação das Escolas de Belas Artes – mas voltando seu significado antigo, isto é, arte como aquilo que faz bem e, por isso mesmo, emociona. Walter Gropius dizia: O bom planejamento é tanto uma Ciência como uma Arte. Como Ciência, analisa as relações; como arte leva as atividades culturais a uma síntese cultural. Aí já estava, portanto, a idéia de nosso ICA. Havia natural interesse pela arquitetura, por essa razão começamos criando aquele que se denominou Curso Tronco de Arquitetura e Urbanismo, onde já se lançava o embrião do ICA. [...] Dispúnhamos do maior campo de prática do mundo: o canteiro de obras de Brasília e os exemplos de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer (ROCHA MIRANDA, 1999, p. 147).

⁶ BATISTA, G. N. Um estudo do comércio local de Brasília. Brasília: Universidade de Brasília, 1965.

Alcides da Rocha Miranda procurou trazer para a UnB sua experiência na Escola de Belas Arte do Rio de Janeiro e sua participação na FAU-USP nos anos 1950. Ele e sua equipe organizaram o curso tronco do ICA-FAU, como embrião do que adiante iria se transformar no curso de Arquitetura e Urbanismo.

Mesmo que o “Plano Orientador” propusesse que o curso se dividiria em construção, paisagismo e planejamento urbano como campos possíveis do futuro arquiteto, essas definições ainda não estavam claras como formações específicas, mas como o saber do arquiteto. Por mais que a UnB fosse pioneira em muitos aspectos, o curso ainda continuava sendo Arquitetura e Urbanismo, como é possível verificar no documento sobre a sua organização.

Segundo a “primeira organização”⁷ do curso-tronco de Arquitetura e Urbanismo, a estrutura do curso básico teria como base a divisão em três departamentos: o Departamento de Expressão e Representação, que ofereceria um curso abrangendo conjuntamente: *atelier* e oficina, o departamento de Teoria e História da Arte, com disciplinas de Introdução à História da Arte e Teoria da Arquitetura e o Departamento de Tecnologia da Construção, que trabalhava noções gerais de clima e execução de obra. Compunham o quadro docente grandes nomes da arquitetura e das artes, muitos deles, autodidatas que desenvolviam estudos e propostas específicas para a nova capital.

A ideia era que o aluno começasse com as disciplinas introdutórias do Instituto Central de Artes tendo escolhido a carreira que queria seguir, mas ainda sendo escolhido por ela. Segundo Antônio Carlos Moraes de Castro (Entrevista, 2015) esse momento era o terror dos estudantes do instituto, a seleção por parte dos Mestres para a carreira que eles iriam seguir. O termo Bauhaus do Cerrado foi colocado por Moraes de Castro, ao contar como veio do Rio de Janeiro para Brasília, primeiro para trabalhar como ilustrador e em seguida para cursar arquitetura.

EDGAR GRAEFF E A REVISÃO DOS TRABALHOS

A experiência inicial, proposta por Alcides da Rocha Miranda parecia inovadora, porém, já em 1963, surgiam as primeiras críticas dentro do próprio curso. O texto: *Sobre o “Curso-Tronco” de Arquitetura e Urbanismo da UnB* escrito por Edgar Graeff faz considerações sobre os trabalhos do primeiro ano do curso-tronco em arquitetura da UnB. O documento começa elogiando a capacidade de superação diante das dificuldades enfrentadas e, principalmente, enaltecendo o rendimento dos trabalhos dos alunos iniciais em relação aos das outras escolas. Entretanto, depois do primeiro parágrafo, o texto dedica-se a tecer críticas e a pedir uma reflexão e uma autocrítica.

O texto de Graeff lembra que o “curso-tronco” tinha um caráter transitório e que a implantação do ICA-FAU estava prevista para 1964, momento em que deveria ter

7 Texto sem identificação de autorias apresentado por Maria Goretti Viera Vulcão em sua dissertação A construção e o discurso de criação do “Curso-Tronco” de Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Brasília (1962-1963). O texto a seguir - A revisão dos Trabalhos de Edgar Graeff, consta também na pesquisa.

sido feita a revisão do curso. Entre as suas críticas está a divisão dos departamentos, seguindo a tradição das escolas de arquitetura. Para ele, tal divisão não correspondia ao curso que se pretendia para 1964, além de diminuir as possibilidades do trabalho em equipe, tal divisão gerava dificuldades no compartilhamento dos conhecimentos. Para ele, não havia uma visão clara do futuro. Admite que foi um erro aceitar a redação do estatuto da UnB que constava no “Plano Orientador”, no artigo sobre a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e as Escolas de Representação e Expressão Plástica, de Artes Gráficas, argumentando que com isso a Faculdade de Arquitetura se apresenta como uma pequena universidade, crítica sobre o curso que permanece até os dias de hoje.

No documento, ele também manifesta a sua surpresa, pois a Escola de Tecnologia da Construção não estaria na Faculdade de Tecnologia. Para ele, o mesmo poderia se dizer das Escolas de Representação e Expressão Plástica e de Artes Gráficas em relação ao Instituto de Artes. Tema recorrente desde então nas discussões de departamento.

A tese inovadora de Alcides da Rocha Miranda, no sentido de formar, ao lado dos arquitetos, os construtores de edifícios, fica completamente anulada quando se coloca a questão em termos de Tecnologia da Construção. No bojo daquela tese, cujo extraordinário alcance precisa ser verificado – o que faremos adiante – não há qualquer ideia de tecnologia e nem de Construção. Os problemas tecnológicos devem ser pesquisados e resolvidos nos Centros especializados ou quem sabe nos Departamentos da Faculdade de Tecnologia. [...] O verdadeiro conteúdo de tese inovadora revela-se no exame da questão do divórcio entre a arte e a técnica na arquitetura (GRAEFF, 1963, p. 2).

Graeff (1963) usa sua experiência como um catedrático em seu texto, dando seu aporte teórico, numa explanação que remonta à Revolução Industrial, na qual, para ele, aconteceu o divórcio entre arte e técnica, criando entre Belas Artes e Engenharia uma disputa pela Arquitetura. Dos anos 1940 ele lembra da luta pela criação da Faculdade Nacional de Arquitetura e, na qual ele se engajou no fim da mesma década. Cita-se o artigo de Lúcio Costa (1957), *Considerações sobre o Ensino de Arquitetura*, publicado na Revista ENBA, do Diretório Acadêmico da Escola Nacional de Belas Artes, em 1945, para demonstrar a essência artística da arquitetura.

Recorre também a um texto de Walter Gropius (1957, p. 67), mostrando que as habilidades técnicas devem ser ensinadas de forma contínua e progressiva. Critica também a falta de integração entre as disciplinas e o seu distanciamento com a realidade, diz ele, “por isso que se costuma dizer que em cada turma de cinquenta diplomados, nossas escolas deixam escapar cinco arquitetos. São rebeldes” (GRAEFF, 1963).

Seu documento termina fazendo crítica à especialização dos professores, que muitas vezes dominam a perfeição daquilo que ensinam, mas que geralmente desconhecem a arquitetura como um todo. Para ele, a formação do arquiteto deveria contar com um ensino que promovesse a integração dos conhecimentos desde o início do curso, para que o aluno pudesse desde cedo “situar cada aspecto particular dos conhecimentos que adquire no contexto geral da problemática

arquitetônica.” Acredita na didática como forma de reformar os professores e que apenas o trabalho em equipe poderia conduzir a esses resultados.

PÓS-GRADUAÇÃO NA UNB DE DARCY

As críticas iniciais de Graeff (1963), quanto à inovação da proposta, eram pertinentes em relação à diferença entre o ensino de graduação em Brasília e outras escolas consolidadas. Porém, o curso de Arquitetura e Urbanismo estava inserido no projeto da universidade, e como tal, tinha a pós-graduação ligada diretamente ao Centro de Estudos e Planejamento Arquitetônico e Urbanístico (CEPLAN) e a Lelé e Niemeyer.

Darcy Ribeiro (1978, p. 118) defendia um programa de pós-graduação “dentro de um sistema integrado de formação do magistério”, reconhecendo a falta de formação de um corpo docente qualificado tanto para a UnB como para outras instituições brasileiras. Para Ribeiro, a integração ampliaria simultaneamente “as atividades científicas e a preparação maciça do corpo docente de nível superior altamente qualificado de que necessitava não só a própria Universidade de Brasília, mas toda a rede universitária brasileira.”

Dentro da estratégia da universidade, o mestrando iniciaria a carreira docente com o cargo de instrutor, e a ele seria concedida uma bolsa de estudos por um prazo máximo de três anos, ao fim do prazo, o estudante perderia seu posto de instrutor, repassando-o a outro estudante. Com o grau de mestre obtido, o candidato poderia postular ao cargo de professor assistente. E o cargo de assistente seria ocupado por um candidato ao doutorado, que teria um prazo máximo de cinco anos para obter o título. Alcançando a titulação, o candidato poderia integrar-se ao quadro docente como professor adjunto.

Na estrutura proposta, os departamentos funcionariam em núcleos colegiados para organizar equipes de professores responsáveis tanto pelo ensino quanto pela pesquisa. Assim, quando cada departamento estivesse em funcionamento, seria capaz de operar tanto na graduação como na pós-graduação. E na pesquisa poderia se dedicar especialmente a um tema preferencial, que seria o seu projeto. Além das pesquisas, os mestrandos, participavam ativamente da graduação como auxiliares no ensino e com a produção de materiais de apoio didático. Em 1963, a pós-graduação do curso tinha um tema principal, que era o desenvolvimento da industrialização na arquitetura e o Ceplan era o espaço das pesquisas e desenvolvimentos tanto dos projetos para o *campus*, como das pesquisas de mestrado.

CEPLAN E A INDUSTRIALIZAÇÃO NA UNB

Tema recorrente à época, a industrialização dos edifícios da UnB é anterior ao Ceplan e não começa com uso de elementos pré-fabricados de concreto, e sim com edifícios em madeira, Oca I e Oca II. Eles foram as primeiras edificações que estavam concluídas para a inauguração, os edifícios foram assim nomeados em função da empresa OCA que pertencia ao arquiteto Sérgio Rodrigues. Os pavilhões de dois andares utilizavam uma estrutura de elementos modulados e

industrializados em madeira com fechamento de empenas cegas em alvenaria. O sistema construtivo utilizado foi o Sistema de Arquitetura Industrializado em Madeira (SR2), desenvolvido pelo arquiteto e amplamente utilizado na construção de residências pelo país.



Figura 9: Oca de Sérgio Rodrigues.
Fonte: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO (1993).

Logo em seguida, as primeiras construções com pré-fabricados de concreto na UnB foram os pavilhões de Serviços Gerais, também conhecidos como SGs, que abrigavam o CEPLAN e o instituto de Artes e Música. A construção caracterizava-se pelo uso de placas pré-fabricadas de concreto armado em forma de U que se encaixam formando “pilares” onde se apoia a cobertura. A ventilação e iluminação foram feitas por meio de jardins internos; a obra ficou a cargo da Construtora Rabello.

Antes mesmo do término das obras da Faculdade de Educação, a Construtora Rabello iniciou a construção dos blocos de um pavimento, de autoria de Oscar Niemeyer. Tão logo concluído, o SG-10 – primeiro edifício pré-fabricado do *campus* –, passou a sediar o Ceplan. O sucesso dessa experiência levou, em seguida, à construção dos pavilhões de Serviços Gerais SG1, SG2, SG4 e SG-8 (CAVALCANTE, 2015, p. 91).

Mantendo a linha de pesquisa, ainda em 1962, Niemeyer iniciou os estudos de um módulo pré-fabricado, concebido para ser totalmente produzido em usina, de habitações estudantis com aproximadamente 45m² e pesando 42 toneladas. Eles poderiam ser dispostos individualmente ou em conjunto para compor edifícios de até quatro andares. A sua proposta de arranjo contemplava também pequenos jardins.

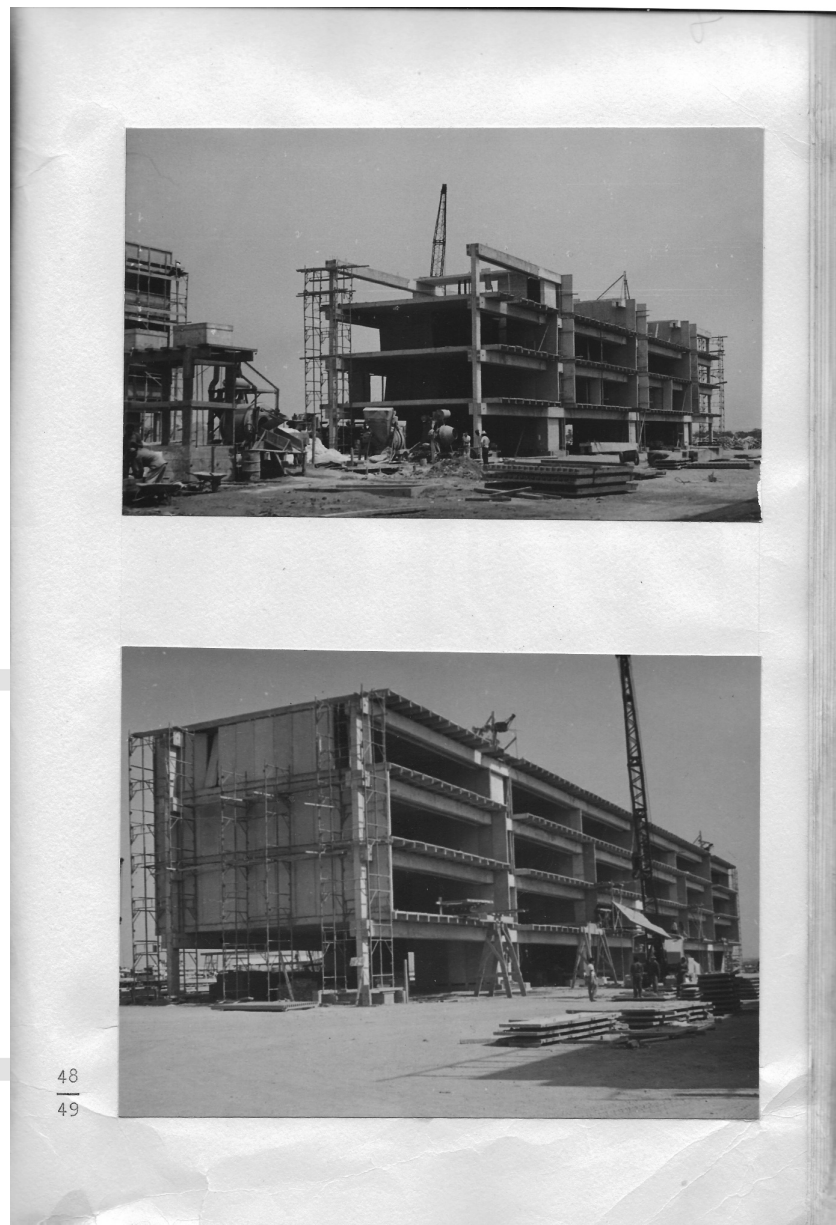


*Figura 10: Construção SG.
Fonte: Pessina (1964).*



*Figura 11: Construção do Protótipo Residencial.
Fonte: Pessina (1964).*

Experiências inovadoras, como define o professor José Carlos Corcova Coutinho, abriram espaço para todo tipo de experimentação. Para ele, as habitações funcionais da Colina projetadas por Lelé foram pioneiras no uso de pré-moldados no Brasil. Os edifícios de três andares sobre pilotis foram concluídos em 1963, “usando a técnica que estava em voga na Europa. A ideia vinha da França, do período pós-guerra, quando foi preciso edificar de forma barata e rápida” (LISBOA, 2012). O sistema usa a circulação vertical de concreto armado fundido no local para dar rigidez ao conjunto; nela se engastam as peças pré-moldadas - vigas e lajes - que constituem o piso dos apartamentos.



*Figura 12: Construção dos edifícios da colina.
Fonte: Pessina (1964).*

Dando continuidade ao conjunto inicial de edifícios da UNB, João Filgueiras Lima, Lelé, desenvolve novos galpões, os SGs 9 a 12, com estrutura pré-moldada simples de pilares e vigas, com uma sobreloja desmontável suspensa da cobertura. Tanto a colina como os SGs iniciam o uso de peças pré-fabricadas de maiores dimensões na construção dos edifícios.

A parceria de Niemeyer e Lelé no CeplaN caminha com o projeto de edifícios maiores e, agora, com uma nova estética, o concreto aparente e a exposição das estruturas na composição das fachadas. É o caso do Instituto de Teologia, uma edificação alongada de três pavimentos, caracterizada pela repetição ritmada de

um mesmo elemento vertical e pela estrutura independente abobadada que cobre parte do seu volume. Em 1963, inicia-se a construção do edifício símbolo da universidade – o ICC, não apenas pelo seu tamanho, mas por sua solução estrutural, espacial e funcional.



*Figura 13: Construção ICC.
Fonte: Pessina (1964).*

O FIM DO CURTO PERÍODO

Se a história da construção de Brasília é uma sucessão de eventos, quase uma epopeia, a história da Universidade de Brasília acompanha o mesmo ritmo. Desde a proposta de sua criação por Juscelino, em 1960, à demissão coletiva em 1965, foram tantos os eventos, que parecem retratar um longo período.

Como pudemos observar, foram muitos os nomes que construíram a universidade. Desde aqueles que aceitaram o desafio de viver em uma cidade em construção, aos que não tiveram tempo hábil de fazer a sua transferência. Pois, outros cursos, que não administração, direito e arquitetura, preparavam o início das aulas de graduação para o ano de 1964 em suas instituições de origem, como relata João Cláudio Todorov⁸ em entrevista concedida em 2015. Ele, que na época era mestrando no curso de Psicologia, fazia parte da equipe de Carolina Bori e com outros colegas cuidava da confecção de material e tradução de publicações, que seriam a base bibliográfica do curso.

Tudo precisava ser construído, dos edifícios ao material de ensino. Os arquitetos acompanharam esse processo, por um lado, com o envolvimento pedagógico de Alcides da Rocha Miranda, por outro, com as pesquisas sobre pré-fabricação desenvolvidas por Lelé e a equipe do Ceplan, e que davam apoio ao desenvolvimento dos edifícios do *campus* e de outras edificações educacionais espalhadas pela cidade, que eram desenvolvidos por Oscar Niemeyer e equipe.

O projeto inicial tentou resistir nos seis primeiros anos de sua implantação, mas terminou por ser esvaziado em seu conteúdo ao ser eliminado o primeiro grupo de professores comprometidos com suas idéias e a formulação de outras diretrizes para seu funcionamento [...] A UnB, depois de trinta anos, já não é a única portadora de novas mensagens (APARECIDA, 1991, p. 39).

A escola de Darcy Ribeiro e Oscar Niemeyer foi um sonho coletivo que aproveitou a ocasião e o momento para colocar em prática a união de ensino e pesquisa, associados a uma visão de mundo aparentemente uníssona. O corpo docente que fez parte do grupo inicial, até mesmo pelo isolamento da capital naquele momento, mantinha-se coeso e comprometido com o modelo idealizado. Porém, em tempos de crise, a coesão não teve garantia de continuidade.

Naquela época, Oscar Niemeyer já não estava mais. O professor da FAU, Ítalo Campofiorito e eu representávamos Oscar no conselho de professores que decidiu pedir a demissão coletiva. Não foi um ato leviano. Oscar tinha tanta convicção de que isso ia acontecer que deixou uma carta assinada para entregarmos (JORGE, 2012, p. 128).

Em outubro de 1965, Darcy Ribeiro não era mais o Reitor da Universidade e Oscar Niemeyer estava em Paris. Mesmo assim, o cerne desse ideal é ciclicamente retomado seja para reposicionar o curso ou para reacender antigas diferenças.

⁸ “Nós tínhamos um sistema personalizado de ensino que foi bolado exatamente pra Brasília. Darcy e Carolina, que haviam sido colegas na USP, eles eram muito amigos e participavam do SBPC também. Ela tinha atividade política. Quando ele convida a Carolina, convida com carta branca para inovar em tudo. Pensa numa universidade nova, onde tudo pode acontecer [...]” Entrevista a João Cláudio Todorov, 2015.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. G. Universidade de Brasília: a ideia, diáspora e individualização. Brasília, DF: Editora UnB, 2017.
- APARECIDA, G. D. UnB em dois tempos. In: RIBEIRO, D. Carta: falas, reflexões, memórias: informe de distribuição restrita do senador Darcy Ribeiro. Revista CARTA' v. 1, n. 14, p. 37-53, 1995.
- BATISTA, G. N. Entrevista. Entrevistador: Maribel Fuentes. Brasília, DF, 2014.
- BATISTA, G. N. Um estudo do comércio local de Brasília. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 1965.
- BOMENY, H. Duas paixões meteóricas: UnB e Jango, primeiras notas. In: FERREIRA, M. M. (coord.). João Goulart: entre a memória e a história. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- CASTRO, A. M. Entrevista. Entrevistador: Maribel Fuentes. Brasília, 2015.
- CAVALCANTE, N. Ceplan: 50 anos em 5 tempos. Tese (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)—Faculdade de Arquitetura e Urbanismos da Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2015.
- COSTA, L. Relatório para o Plano Piloto de Brasília, 1957. In: Plano Orientador da Universidade de Brasília. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1962.
- GRAEFF, E. Sobre o “Curso-Tronco” de Arquitetura e Urbanismo da UnB-, 1963. Documento mimeografado.
- JANVEJA, S. S. Investigação dos trabalhos de Le Corbusier, Lúcio Costa e Oscar Niemeyer. Brasília, DF: Universidade de Brasília, DF, 1966.
- KUNZE, E. Entrevista. Entrevistador: Maribel Fuentes. Brasília, 2015.
- LISBOA, A. B. Herança Arquitetônica. Disponível em: <<http://www.unb.br/noticias/unbagencia/unbagencia.php?id=6468>>. Acesso em: 31 ago. 2016.
- MIGLIEVICH-RIBEIRO, A. Darcy Ribeiro e UnB: intelectuais, projeto e missão. [s.d.] Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v25n96/1809-4465-ensaio-S0104-40362017002500939.pdf>>. Acesso em: 26 fev. 2018.
- PESSINA, L. H. G. Aspectos Gerais da Pré-fabricação; estudo de cronograma de obra com pré-fabricados. Brasília: Universidade de Brasília, 1964.
- PLANO ORIENTADOR DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1962.

PUHL, L. S. Arte Total, Ensino Total – Alcides Rocha Miranda, a UnB e o Instituto Central de Artes. In: 11, SEMINÁRIO NACIONAL DOCOMOMO BRASIL, Brasília, 2016 Anais... Pernambuco: Museu da Cidade do Recife, 2016.

RAMOS DE AGUIAR, R. A. Comissão Anísio Teixeira de Memória e Verdade. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2015. Disponível em: <http://www.unb.br/noticias/downloads/Relat%C3%B3rio_Comiss%C3%A3o_da_Verdade.pdf>. Acesso em: 15 set. 2016.

RIBEIRO, D. Plano orientador da Universidade de Brasília. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1962.

RIBEIRO, D. UnB: invenção e descaminho. Rio de Janeiro: Avenir Editora, 1978.

ROCHA, J. A. DE L. Anísio Teixeira e a ciência no país. *Jornal da Ciência*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 12, 2000.

SALMERON, R. A. A universidade interrompida: Brasília 1964-1965. Brasília, DF: Editora UnB, 2007.

SOUZA, D. E. DE S. Dias de Agonia. Goiânia: Kelps, 2005.

TODOROV, J. C. Entrevista. Entrevistador: Maribel Fuentes. Brasília, 2015.

TODOROV, M. S. R. UnB - evolução da estrutura acadêmica - do Plano Orientador ao Estatuto de 1993. Brasília: CEDOC-UnB, 1993.

Universidade de Brasília. Hemeroteca Digital Brasileira – *Jornal Última Hora* - Ano X, 27 jul. 1960.

VIEIRA VULCÃO, M. G. A construção e o discurso de criação do “Curso-Tronco” de Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Brasília (1962-1963). Dissertação (Mestrado em Arte) —Brasília: Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2008.